

## Centro e margem dos discursos sobre *sustentabilidade*: da ecologia linguística ao ecossistema social

### Center and margins of discourse about sustainability: from the social ecology to the linguistic ecosystem

Cláudio Márcio do Carmo\*

---

**RESUMO:** Conforme Kennedy (1998), *ecologia linguística* é uma das quatro áreas de trabalho em Linguística de *Corpus*, ocupando-se da análise de padrões lexicais de que um determinado item faz parte, tendo como objetivo descrever sentidos a que um item se associa, em quais estruturas ele aparece e qual correlação existe entre seu uso e o sentido a ele atribuído. A partir disso, procura-se ter acesso a seu valor na organização do texto. Tendo esse pressuposto como base, trabalhando na interface entre estudos de *corpora*, Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso, pretende-se analisar o item *sustentabilidade* em um *corpus* de pequena dimensão (SINCLAIR, 2001) de textos coletados na *internet*, para procurar entender o que é central tematicamente e o que margeia os discursos a ele associados, com foco no entendimento do *ecossistema social* (LEMKE, 2003). Entende-se, apoiando-se em Martin (1992) e Eggins (1994), que as relações lexicais são relevantes para a compreensão de fenômenos linguísticos e, em Williams (1976), que existem itens culturalmente relevantes. Mas essa relevância também é produzida sócio-historicamente; logo, por consequência disso, hoje se torna fundamental especialmente por causa do processo de globalização, em que novos (ou a recontextualização/rearticulação de velhos) discursos passaram a ter maior alcance devido às novas temporalidades e espacialidades permitidas pelas novas tecnologias de informação. Descrevendo a

**ABSTRACT:** As Kennedy (1998), *linguistic ecology* is one of the four desktops in Corpus Linguistics, minding the analysis of lexical patterns that a particular item is part, aiming to describe the way an item is associated, in which structures it appears and the correlations between their use and the meaning attributed to it. From this, we seek to have access to its value in the organization of the text. Taking this assumption as a basis, working into the interface between corpus studies, Systemic Functional-Linguistics and Critical Discourse Analysis, we intend to analyze the *sustainability* item on a small corpus (SINCLAIR, 2001) of texts collected in internet, searching for understand what is central and bordering thematically and the discourses associated with it, with a focus on understanding the *social ecosystem* (LEMKE, 2003). Understand, relying on Martin (1992) and Eggins (1994), the *lexical relations* as relevant to the understanding of linguistic phenomena, and on Williams (1976), which are culturally relevant items. However, this relevance is also produced socio-historically, so by consequence, becoming especially relevant today because of globalization, where new (or recontextualization/rearticulation of old) discourses have been given greater reach due to new temporalities and spatiality allowed by new information technologies. Describing the linguistic ecology of the item *sustainability*, we try to enter the social organization that surrounds the subject in the global context.

---

---

\* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pós-Doutor trabalhando sobre a relação entre Antropologia, Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), atuando na graduação e no Mestrado em Letras.

ecologia do item *sustentabilidade*, procura-se adentrar na organização social que cerca o tema no contexto global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística de *Corpus*. Análise Crítica do Discurso. Ecologia Linguística. Ecossistema Social. Sustentabilidade.

**KEYWORDS:** Corpus Linguistics. Critical Discourse Analysis. Linguistic Ecology. Social Ecosystem. Sustainability.

---

## 1. Introdução

Diversos autores, dentre os quais Biber *et al.* (1998) e Berber Sardinha (2004), enfatizam a importância da Linguística de *Corpus* por ela ser capaz de fornecer um suporte metodológico e recursos relevantes para triagem e análise de dados linguísticos, razão pela qual, quando utilizada, sobrealça e potencializa seu uso nas mais diversas áreas da Linguística.

De forma estrita, isso decorre de uma visão de linguagem como um sistema probabilístico, em que se colocam em relevo padrões e traços linguísticos recorrentes, os quais apontam para diversos níveis da organização textual, momento quando pode ser conectada à Linguística Sistêmico-Funcional, conforme Halliday (1978, 1985, 1991, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014).

Nessa perspectiva, “os padrões de uma palavra podem ser definidos como todas as palavras e estruturas que são regularmente associadas com a palavra e que contribuem para o seu significado/sentido” (HUNSTON; FRANCIS, 2000, p. 37), ocorrendo relativamente de forma frequente. Dessa maneira, podem ser feitos mapeamentos desses padrões, os quais mostram traços linguísticos contextuais e situacionais como apontando para outros traços contextuais, que, por sua vez, podem ser associados a questões sociais e culturais relevantes numa dada conjuntura para o estudo da estrutura social e de mudanças sociais. Por isso, aqui, pode-se fazer nova associação devido aos princípios regentes da Análise Crítica do Discurso (ver, por exemplo, FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 2006, 2010; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Retornando à abordagem da Linguística de *Corpus*, de forma bastante específica, neste trabalho, interessa de perto o estudo da chamada *ecologia linguística*, a qual, conforme Kennedy (1998), é uma de suas quatro áreas, que se ocupa da análise de padrões lexicais de que um determinado item faz parte, tendo como objetivo descrever sentidos aos quais esse

item se associa, em quais estruturas ele aparece, qual correlação existe entre seu uso e o(s) sentido(s) a ele atribuído(s). Logo, por essa via, procura-se ter acesso ao seu valor na organização do texto.

Tendo esse pressuposto como base e trabalhando na interface entre estudos de *corpora* e Análise Crítica do Discurso (ACD), pretende-se analisar o item *sustentabilidade* em um *corpus* de textos coletados na *internet*, para procurar entender o que é central tematicamente e o que margeia os discursos a ele associados.

Entende-se, apoiando-se nos sistemicistas Martin (1992) e Eggins (1994), que as *relações lexicais* são relevantes para a compreensão de fenômenos linguísticos e, em Williams (1976), que existem itens culturalmente relevantes. Mas essa relevância também é produzida sócio-historicamente; logo, por consequência disso, hoje se torna crucial especialmente por causa do processo de globalização, em que novos (ou a recontextualização/rearticulação de velhos) discursos passaram a ter maior alcance devido às novas temporalidades e espacialidades permitidas pelas novas tecnologias de informação.

Nesse sentido, a perspectiva da ACD é extremamente importante por mostrar-se capaz de contribuir com pesquisas sociais e engajadas sobre diferentes tipos de discurso e sobre o discurso midiático dentro desse contexto (FAIRCLOUGH, 1995, 2006). Assim, com apoio na Linguística de *Corpus*, na Linguística Sistêmico-Funcional e em pressupostos da ACD de Norman Fairclough, mas com destaque para a ACD proposta por Jay Lemke, analisa-se um *corpus de pequena dimensão* (SINCLAIR, 2001), descrevendo a ecologia do item *sustentabilidade* para adentrar na organização social que o cerca no contexto global.

Nessa direção, destaca-se a importância da Linguística de *Corpus* por possibilitar o estudo das relações lexicais formadas com e a partir do item lexical *sustentabilidade* e por permitir focalizar as regularidades lexicais de forma sistemática no *corpus*, descrevendo seus contextos de uso e mostrando suas associações mais frequentes.

Estas reflexões estão organizadas nas seguintes seções, quais sejam: (1) Linguística de *Corpus*, Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso; (2) O *corpus* e a metodologia: um percurso de pesquisa; e (3) Análise dos dados: centro e margem dos discursos sobre sustentabilidade, às quais seguem as considerações finais e as referências.

## 2. Linguística de *Corpus*, Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso

Hoey (1993) explica que o desenvolvimento do computador, com cada vez mais capacidade de memória, representa para a Linguística o que o desenvolvimento do microscópio com lentes mais poderosas representou para a Biologia, justamente por permitir que se amplie o conhecimento dos padrões linguísticos e, em consequência, de seus valores quando instanciados nos textos, o que pode ser inferido também em Hunston e Francis (2000).

Esse pensamento encontra eco quando se destaca que “a análise de um *corpus* pode revelar, e frequentemente revela, fatos a respeito de uma língua, os quais nunca se tinha pensado em procurar” (KENNEDY, 1998, p. 9). Leech (1992) explica que a Linguística de *Corpus* (doravante LC) “não é somente uma nova metodologia emergente para o estudo da linguagem, mas uma nova empreitada de pesquisa, e na verdade uma nova abordagem filosófica” (p.106). Isso corrobora o pensamento de Hoey (1997) ao considerá-la, sobretudo, não exatamente um ramo da Linguística, mas uma nova rota ou um novo caminho para ela.

Hunston e Francis (2000) destacam a LC como uma área de investigação linguística que emprega computadores e *corpora* na investigação da padronização do léxico, com o objetivo de compreender a léxico-gramática que engendra os textos. Aqui, percebe-se que a noção de padronização está estritamente ligada à de recorrência, remontando à raiz probabilística que a sustenta e que a faz, por esse motivo, conectar-se à visão probabilística também presente na Linguística Sistêmico-Funcional, em conformidade com Halliday (1978, 1985, 1991, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014), o que já estava presente nos estudos do linguista John Rupert Firth, professor de Halliday e uma de suas grandes influências (cf. FIRTH, 1957). Isso significa que, se existe um padrão de uso linguístico que terá maior probabilidade de ocorrência, isso será parte importante e integrante do processo de semantização e produção dos sentidos textuais em seus diversos níveis de organização e instanciação.

Sendo assim, uma contribuição central para este estudo advinda do pensamento de Halliday foi o fato de ele ter buscado, para a formulação de sua teoria, o pensamento antropológico, especialmente de Bronislaw Malinowski, de quem tomou os conceitos de *contexto de situação* e *contexto de cultura* a partir da leitura proposta por Firth.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional, a interpretação do contexto social inclui a análise do *contexto de situação* (imediate) e do *contexto de cultura* (concebido pelo grupo). Este, o *contexto de cultura*, é percebido como derivado de uma rede ampla e complexa dos

gêneros dos discursos usados por uma determinada cultura sempre associado com o *contexto de situação*. É dessa maneira que se procura justificar o valor desta abordagem, enquanto pensamento fundacional, quando se advoga a possibilidade de partir da *ecologia linguística* do item *sustentabilidade* para uma análise do *ecossistema social* que o circunda, na íntima relação que precisa ser estabelecida entre *contexto de situação* e *contexto de cultura*, a qual é sempre mediada pela linguagem, do micronível (grafológico ou fonético-fonológico) ao macronível, representado pelos gêneros textuais-discursivos, em que sucessivamente se percebe o processo de instanciação das categorias linguísticas no texto.

Dessa maneira, instanciação pode ser compreendida como um processo a partir do qual uma instância é um polo da escala de instanciação e a instanciação é a própria escala que vai daquilo que é potencial no sistema para a instância textual, pois a escala se estende daquilo que é potencial para a instância num percurso que vai do sistema para o texto (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 121).

Por outro lado, a Linguística Sistêmico-Funcional influenciou sobremaneira o projeto da chamada Linguística Crítica (cf. FOWLER *et al.* 1979), que, tendo os recursos fornecidos pela Gramática Sistêmico-Funcional, tornou-se relevante aporte teórico para o estudo da linguagem e da ideologia e constituiu uma teoria de transição para a chamada Análise Crítica do Discurso (ACD), sobretudo na proposta do linguista Norman Fairclough (cf. FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 2010). Embora a ACD, tal qual proposta por Fairclough, seja fundacional em muitos sentidos aos quais se aventou no início deste artigo, será tomada a proposta de Jay Lemke, físico do Departamento de Educação da Universidade de Michigan, como aporte para estas considerações, sobretudo sua visão analítica sobre o *ecossistema social* ao qual será associada a descrição da *ecologia linguística* do item *sustentabilidade* no *corpus*.

Esta observação que toma como primazia a relação da linguagem em relação à sociedade constitui o cerne da Análise Crítica do Discurso e requer que os textos sejam vistos sob um viés performativo, ou seja, como forma de ação social, pois eles representam e possuem um papel constitutivo na estrutura social. E, sem embargo de todo o desenvolvimento da teoria, Lemke (2003) afirma que ainda é necessário desenvolver uma perspectiva teórica para entender o papel material e semiótico desses textos no interior dessa estrutura.

Parte-se, então, da premissa de que o convívio social também requer um aparato de análise de suas minúcias discursivas, que deem vazão à análise dos princípios regentes das relações interpessoais as quais se dão no âmbito da sociedade com todas as suas mazelas e sutilezas.

Lemke (1998) lembra que analisar a interpessoalidade nos textos é importante porque eles apresentam dimensões avaliativas que podem ser trabalhadas de forma a permitir o acesso às várias vozes que os constituem e que fazem parte de determinada comunidade que as incorpora em seus discursos, como sendo uma maneira de ter acesso a uma relação semântica complexa constitutiva do que ele chama de *formações discursivas*, termo originalmente proposto pelo filósofo francês Michel Foucault (cf. FOUCAULT, 1997).

Para essa análise, em termos de materialidade textual, o autor busca subsídios na léxico-gramática dos textos com base na perspectiva sistêmico-funcional de maneira que possa recuperar os sentidos sociais neles presentes a partir da própria interação travada nos textos a partir das vozes discursivas emanadas. Segundo Lemke (1995a), isso permite que se reconheçam as formações discursivas de uma subcomunidade específica em relação semântica com outras.

Quando Lemke (1995b) trata da visão restrita sobre os discursos ideológicos relacionados a práticas de dominação, ele pretende esclarecer que um discurso só funciona ideologicamente se as relações sociais e políticas em que os discursos são produzidos estiverem unidas na produção dos sentidos, pois a construção de sentido é orientada pelas visões de mundo e interesses sociopolíticos. Mas também há os construtos culturais mantenedores das noções, juízos e hierarquias, dentre outros, que são veiculados por meio da linguagem e de sua carga simbólica. Para o autor, existe uma interdependência entre processos de atribuição de sentido e as posições políticas e sociais que são ocupadas, razão pela qual é possível considerar todos os textos e discursos como ideológicos. Entretanto, do ponto de vista da mudança e transformação social e com base no que foi exposto, não pode haver visão única ou certa de mundo, mas múltiplas visões de mundo.

Tudo isso é o pano de fundo ideal para que o autor proponha o termo *ecossistema social* no interior de sua abordagem (ver, especialmente, LEMKE, 2003). De forma geral, dentro da biologia, ecossistema é uma comunidade de organismos que interagem entre si e com o meio ambiente ao qual pertencem. Assim, pensar a sociedade pelo viés de um ecossistema é fortalecer os laços entre comunidades e culturas que a constroem e dão sentido

às diferentes linguagens como sistemas simbólicos reconhecíveis. Assim, torna-se uma produtiva maneira de analisar os discursos e os processos sociais, pois, nesse sentido, como uma unidade funcional, a análise do ecossistema social poderá dar acesso à própria forma de organização de uma sociedade. E, aqui, aloca-se esta análise dos discursos que estão no centro e na margem do que é dito sobre *sustentabilidade*, termo que tem se tornado chave nas relações sociopolíticas do mundo atual (cf. SOARES; VIEIRA, 2013; HENRIQUES; SANT'ANA, 2013).

Na perspectiva de Lemke (2003), os significados são produzidos e interpretados de acordo com as convenções de uma comunidade. Os textos, como artefatos semiótico-materiais e culturais, podem carregar diversos significados em diferentes momentos dentro de uma comunidade, podendo contribuir em larga escala para a organização social. E as tecnologias dessa organização são mediadas por eles, que reproduzem ou tentam alterar significações em variadas escalas de tempo (curtas ou longas) e espaço, ligando-se, portanto, às questões históricas e aos princípios regentes dos processos de globalização que derrubaram as barreiras de tempo e espaço da forma tradicional como era conhecida. Os textos, então, desempenham um papel chave dentro dos processos de mudança social.

Isso tem a ver com o fato de que a textualidade na vida contemporânea ganhou novas tecnologias – hipertextos e *internet*, por exemplo –, que tanto podem colaborar para a manutenção de um ponto de vista como para alterá-lo, ligando-se às formas de controle no que se chama globalização, “um processo de integração global, definindo-se como a expansão, em escala internacional, da informação, das transações econômicas e de determinados valores políticos e morais” (SILVA; SILVA, 2010, p. 169). Sendo assim, como frisa Lemke (2003), textos e práticas sociais já existentes medeiam novas formas de controle social por novos caminhos.

### **3. O *corpus* e a metodologia: um percurso de pesquisa**

Com o objetivo de analisar o item *sustentabilidade* em um *corpus* de textos coletados na *internet*, para procurar entender o que é central tematicamente e o que margeia os discursos a ele associados, o primeiro passo foi delimitar a forma de coleta.

Sinclair (2001, p. xi) explica que há *corpora* de pequena e de grande dimensão, sendo o primeiro constituído por um corpo de evidências relevante e confiável que precisa ser também pequeno o suficiente para ser analisado manualmente ou processado por computador

com ferramentas específicas, tendo sido projetado para intervenção humana inicial (EHI – *early human intervention*); e o segundo, de grande dimensão, projetado para intervenção humana tardia (DHI – *late or delayed human intervention*), por meio dos recursos computacionais, como a exemplo do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 1997, 2001, 2008).

Este trabalho foi feito com um *corpus* de pequena dimensão, para permitir a intervenção humana inicial, por isso rápida, a partir de um critério que levasse em consideração a forma de busca em sítios específicos, o que geralmente norteia as buscas na *internet* de forma geral via mecanismos e sítios como Google e UOL, dentre outros.

A partir desse pensamento, foram coletados os 100 primeiros textos listados, quando se digitava a palavra *sustentabilidade* no portal UOL, nos anos 2008 e 2010, período escolhido pelo fato de o tema ter entrado em discussões em diferentes áreas.

Nos 100 primeiros textos listados na busca do sítio da UOL, foram analisadas 167 ocorrências exatas do nóculo (não houve lematização), equivalentes a 0,35% do *corpus*, que continha 47.175 palavras. A categoria de base foram as *relações lexicais* estabelecidas com o nóculo como indicadoras do que é tido como de relevância sócio-histórica em momento de expansão da globalização (pela recontextualização/rearticulação de discursos) e, por isso, considerado como de exploração de novas temporalidades e espacialidades permitidas pelas novas tecnologias de informação. A partir disso, procurou-se focalizar a organização social que cerca o tema no contexto global.

Tomando *corpus* como um conjunto computadorizado de textos compilado e triado para efeitos de análise linguística e a visão da Linguística de *Corpus* conforme Berber Sardinha (2004), para quem ela é uma área que “se ocupa da coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística” (p. 3), fez-se a triagem dos dados de forma a procurar a *ecologia linguística* (cf. KENNEDY, 1998) do item *sustentabilidade*, com o uso das ferramentas oferecidas pelo programa *WordSmith Tools*.

O foco, então, foi primeiramente encontrar os padrões lexicais, para descrever sentidos a ele associados, em quais estruturas ele aparecia e, por último, a correlação existente entre o uso que se faz dele e o sentido a ele atribuído, isto é, buscou-se descrever sua *ecologia linguística*. Depois, descreveram-se as estruturas de que esse item fazia parte, bem como seu valor na organização do texto.

Quanto à categoria de acesso aos dados e expansão ao texto como unidade semântica, adotou-se o conceito de *relações lexicais* da Linguística Sistêmico-Funcional, na esteira de Eggins (1994, p. 113), em sua leitura do trabalho de Martin (1992), isto é, como forma de acesso à dimensão experiencial do discurso.

Com o auxílio das ferramentas oferecidas pelo programa *WordSmith Tools*, buscou-se, primeiramente, fazer uma lista de palavras para encontrar a frequência de uso do nódulo da pesquisa. A partir disso, foram feitas: (1) a confecção da lista de concordâncias com a palavra *sustentabilidade* para análise do contexto típico de sua ocorrência; (2) a confecção da listagem dos agrupamentos lexicais, a fim de se examinarem possíveis padrões dos quais a palavra *sustentabilidade* faça parte no *corpus*; (3) a confecção de tabelas de colocados e padrões de colocados para observação dos padrões colocacionais da palavra *sustentabilidade*; e (4) a verificação, a partir das tabelas de colocados e padrões de colocados, das principais relações lexicais e colocações, construídas com e/ou a partir da palavra *sustentabilidade*.

Os instrumentos empregados dentro do pacote *WordSmith Tools* foram: (a) a lista de palavras (*WordList*); (b) as linhas de concordância (*Concord*); (c) a listagem de agrupamentos lexicais (*clusters*); (d) a lista de colocados (*colocates*); e (e) a tabela de padrões de colocados.

Tais procedimentos permitiram: visualizar as principais relações lexicais formadas com a palavra *sustentabilidade*; verificar, a partir das linhas de concordância, os campos a ela associados; e analisar os discursos que são centrais e os que margeiam o tema *sustentabilidade* como um aspecto discursivo da globalização, partindo das relações lexicais, dos campos a ele associados e dos gêneros em que foi veiculado.

A análise, de fulcro quali-quantitativo, obedeceu, quando da avaliação qualitativa dos dados, aos padrões da Análise Crítica do Discurso de Jay Lemke (2003). A partir dos dados, vendo o texto como unidade semântica e artefato de significação em seu todo, buscou-se: (1) esboçar um modelo complexo de sistema da semiótica mediado pelos ecossistemas sociais, discutindo os modelos gerais de texto que produzem a coerência de tais sistemas através do tempo e do espaço; (2) delinear a história das mudanças em que os textos foram mediados em diferentes formas de controle social; (3) caracterizar formas emergentes de textualidade como novas ordens de formação de significados nas experiências da sociedade contemporânea; e (4) analisar a produção de significados através da mediação dos signos ou símbolos, em diversos níveis de organização, em diferentes escalas de tempo e suas possíveis transformações pela circulação dos artefatos.

#### 4. Análise dos dados: centro e margem dos discursos sobre *sustentabilidade*

O termo *sustentabilidade*, associado à necessidade de encontrar soluções para os problemas ligados ao desenvolvimento, numa clara relação com as assimetrias cada vez mais profundas entre pessoas, povos, países e regiões originadas pelo processo da globalização que afeta a todos, ganha maior expressividade a partir do grande *boom* que gerou o conceito de *desenvolvimento sustentável* (NATTRASS; ALTOMARE, 1999). Este, por sua vez, apareceu, pela primeira vez, em 1987, utilizado e definido pela *World Commission on Environment and Development* (WCDE – Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento), compreendido como uma forma de desenvolvimento que responda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras responderem às suas próprias necessidades, conforme dito e acentuado de maneira geral na *web*.

Por isso, conforme Jacobi (2005), os problemas relacionados à *sustentabilidade* assumiram no final do século XX um papel central na reflexão em torno das dimensões do desenvolvimento e das opções que se configuram como propícias à manutenção de tudo que se mostra imperativo à sobrevivência do planeta como um todo e, por isso, um problema para o campo educacional.

A ideia de *sustentabilidade*, então, corrobora e se sustenta numa percepção de “sociedade de risco”, conforme propõe Beck (1992). Assim, engloba muitos discursos, razão pela qual Henriques e Sant’Ana (2013) afirmam que “incorporado à lógica do mercado, o termo *sustentabilidade* ganha também urgência, sendo associado a questões civilizatórias” (p. 74). Ou seja, pressupõe-se um aspecto pedagógico em sua proposição que leve a população, as organizações e as empresas, dentre outros, a buscarem formas alternativas para o desenvolvimento que mantenha os recursos naturais para as gerações futuras. Assim, o trabalho desses autores demonstra os discursos sobre sustentabilidade como ideias conciliatórias entre negócios e interesses econômicos numa relação estreita com as pressões legais e sociais por responsabilidade ambiental.

Neste trabalho, parte-se do foco que assume os discursos ligados à *sustentabilidade* como ganhando cada vez mais notoriedade, uma vez que também é cada vez mais expressivo o tema em ambiente midiático. Isso traz o questionamento que faz atentar para o fato de haver diferentes relacionamentos e enfoques do tema e perguntar: que tipo de relação lexical estabelece ou ajuda no estabelecimento de sua significação, de conexão discursiva ou de visões de mundo em escala global?

Nesse sentido, muitos trabalhos foram produzidos nos domínios da comunicação organizacional (HENRIQUES; SANT'ANA, 2013), das políticas culturais e das transformações sociais, sob o viés da Administração (CAMINHA, 2013), e da própria Análise Crítica do Discurso, considerando a multimodalidade (RAFAEL, 2013; SOARES; VIEIRA, 2013), a gestão e o *marketing* ambiental (DIAS, 2009, 2011), dentre outros.

Por isso, pode-se afirmar que este trabalho se sustenta numa perspectiva que Lemke (2003) denomina *traversal* (transversal, que atravessa), que se define pela liberdade para misturar o que é diferente, criando as hibridizações de forma interdisciplinar nas teorias e suas possíveis aplicações, gerando, talvez, a transdisciplinaridade. Isso caminha para o que ele almeja ao afirmar que a Análise Crítica do Discurso precisa sempre encontrar caminhos novos para o estudo das relações entre os discursos standardizados, gêneros e formas textuais, e suas práticas institucionais, e para os estudos que levam em consideração os interesses que os sustentam, os modos emergentes de mediação, juntamente com suas implicações no controle social e nas possibilidades de mudança nas relações entre os indivíduos.

Procurando descrever a *ecologia linguística* do item lexical *sustentabilidade*, após verificação de sua frequência, buscaram-se seus padrões de uso levando em consideração, em conformidade com Stubbs (2002), que esses padrões são “esquemas semânticos” e “esses esquemas semânticos podem ser modelados como agrupamentos lexicais (nódulos e colocados), gramaticais (coligação), semânticos (preferências por palavras de um campo lexical particular) e pragmáticos (conotações ou prosódias discursivas)” (p. 96). Todas as ocorrências foram avaliadas qualitativamente a partir das linhas de concordância que foram ampliadas o quanto foi necessário para a análise. A Tabela a seguir ilustra as linhas de concordância:

Tabela 1– Linhas de concordância com a palavra *sustentabilidade*.

N	Concordance
1	Votos: Tags: "planeta em equilíbrio" <i>sustentabilidade</i> "lixo eletrônico" computadores placas
2	. 20/08/2010. 10:29. Bienal Brasileira de <i>Sustentabilidade</i> e design se encontram em bienal.
3	de 2009 11:11 TI VERDE Bandeira da <i>sustentabilidade</i> Silas Scalione - Estado de Minas O resi
4	Outros Casatual 2009 terá como temas a <i>sustentabilidade</i> e a ousadia Fechar [x] Fechar [x] Parte
5	ar a Copa de 2014, quanto para garantir a <i>sustentabilidade</i> econômica e social do Conjunto após o
6	s, nos dias 29 e 30 de outubro, no Fórum <i>Sustentabilidade</i> Fingerplus. Os projetos vão participar,
7	e garantir a valorização do trabalho com <i>sustentabilidade</i> socioambiental. Para a Central, a classe
8	m e propagam a urgente e tão perseguida <i>sustentabilidade</i> . O Axé Brasil deste ano também aderiu
9	to. A primeira é a Think green, focada na <i>sustentabilidade</i> . A ideia é reduzir o impacto ambiental
10	ra apresentar a palestra “Cidade, cultura e <i>sustentabilidade</i> ”. O tema dá continuidade aos assuntos

Tirando as palavras gramaticais como *que*, *com*, *sobre* e *para*, dentre outras, o item *sustentabilidade* possui como colocados os seguintes itens com suas frequências entre parênteses: *tema* (14), *fechar* (12), *Brasil* (10), *meio* (10), *ambiental* (7), *ambiente* (7), *conceitos* (7), *economia* (6), *agência* (5), *econômica* (5) e *preservação* (5).

Seus agrupamentos lexicais (*clusters*) são *conceitos de sustentabilidade* (5), *a sustentabilidade não* (4), *para a sustentabilidade* (4), *em prol da sustentabilidade* (4), *sobre sustentabilidade* (4), *sustentabilidade ambiental* (3), *a sustentabilidade do* (3), *ambiente e sustentabilidade* (3), *ações de sustentabilidade* (3), *conceito de sustentabilidade* (3), *de sustentabilidade* (3), *que a sustentabilidade* (3), *sobre a sustentabilidade* (3) e *sustentabilidade e preservação* (3).

Os padrões do nóculo *sustentabilidade* são formados, tirando-se as palavras gramaticais, num horizonte de cinco palavras à esquerda [L5, L4, L3, L2 e L1] e cinco palavras à direita [R1, R2, R3, R4 e R5], conforme padrão do *WordSmith Tools*, mantendo-se o nóculo no meio, com os itens e suas posições seguidas do número de ocorrências: *tema* (L4, L2, L1 e R1, uma vez cada; R2 e R4, duas vezes cada), *Brasil* (L5, L4, L3, R2, R4 e R5, uma vez cada), *meio* (L3, L2, R2, R4 e R5, uma vez cada), *conceitos* (L4, L2 e R5, uma vez cada), *ambiental* (L5, L2 e R1, uma vez cada), *ambiente* (L5, L2, L1 e R5, uma vez cada), *economia* (L4, L5, R2, R3 e R5, uma vez cada), *econômica* (L2, R1 e R3, uma vez cada), *agência* (R1, R3 e R4 uma vez cada) e *preservação* (R2 e R4, uma vez cada).

Essa padronização demonstra uma conotação sempre positiva para o item *sustentabilidade* por uma associação predominantemente ligada a desenvolvimento sustentável seja no âmbito do crescimento econômico, seja no ambiental. Os padrões também denotam força coesiva colocacional, uma vez que, mesmo não sendo utilizadas imediatamente antes ou após o item *sustentabilidade*, ocorrem com proximidade no mesmo ambiente. Para essa afirmação, ancorou-se na explanação de Halliday e Hasan (1976, p. 288) ao explicarem que o efeito da coesão lexical por colocação é sutil e difícil de estimar, pois todos os itens lexicais podem entrar em relação coesiva, mas não carregam em si nenhuma indicação se estão funcionando coesivamente ou não.

Isso tem implicação nos campos associados: *economia*, verificados no uso conjunto com os itens *economia*, *econômico* e *agência*; *meio ambiente*, a partir dos itens *ambiental*, *ambiente*, *preservação* e *meio* (indicando lugar, posição); e *divulgação*, evocando a mídia e outras formas de propagação de informação, nos itens *tema* e *conceitos* e no uso do item

*Brasil* como país que se insere no conjunto global para produção mundial sustentável. Essa análise pode ser verificada nos exemplos a seguir:

- 1) Os brasileiros que compareceram ao Eixão do Lazer neste domingo puderam aprender um pouco mais sobre *sustentabilidade* e preservação do meio ambiente. Esse era o tema do evento, promovido pela Administração Regional de Brasília.
- 2) ‘Plano MTV’ destacará meio ambiente e *sustentabilidade*.
- 3) Economia brasileira demonstra firmeza e *sustentabilidade*, afirma Lula.
- 4) Dr. Ladislau Dowbor discute a ‘Perspectiva Econômica da *Sustentabilidade*’
- 5) A Perspectiva Econômica da *Sustentabilidade* será tema do quarto encontro do Fórum de Investidores Sociais 2009.
- 6) No Ano Internacional da Biodiversidade, Estação Pátio Savassi discute *sustentabilidade*.
- 7) *Sustentabilidade*– você sabe o que isso significa? O prefixo vem de sustentar: conservar, manter, alimentar física ou moralmente, de conseguir dar sustento a alguma coisa ou alguém.
- 8) Quando a gente entende que *sustentabilidade* é cumprir o ciclo da vida, as coisas ficam mais claras.
- 9) Bienal Brasileira de Design, que será realizada em Curitiba, tem como tema a *sustentabilidade*.

Entretanto, é importante verificar que, numa leitura estendida das linhas de concordância, o espectro relacional de sustentabilidade do ponto de vista dos temas é bem maior, associando-se também com lazer, *design*, eventos culturais, lançamentos de livros, *shows* musicais, arquitetura, turismo, urbanismo, saúde, esporte, publicidade, gastronomia, carnaval, tecnologia, arte e política.

Isso demonstra que existem temas centrais conectados à sustentabilidade, como os da economia e do meio ambiente; e outros que ficam à margem, como os imediatamente já citados. Dentre estes, era perceptível no *corpus*, de forma recorrente, mas periférica, seu uso dentro de um discurso promocional seja ligado a lazer, arte, arquitetura, turismo ou promoção de eventos, remontando à sua conotação positiva e capaz de positivar ações e eventos e de promover credibilidade:

- 10) *Sustentabilidade* e design se encontram em Bienal
- 11) Balneário Camboriú recebe evento a favor da *sustentabilidade*
- 12) *Sustentabilidade* é tema de Mostra Cultural do Colégio Sagrado Coração de Maria
- 13) Nova campanha da Coca-Cola aborda a *sustentabilidade*

- 14) *Sustentabilidade* é tema da Morar Mais Brasília 2009
- 15) Diferentemente de todos os estádios brasileiros já construídos, o Complexo Mineirão está implantado numa região que dispõe de fartas áreas livres para abrigar todas as funções esportivas e outras complementares, exigidas tanto para sediar a Copa de 2014, quanto para garantir a *sustentabilidade* econômica e social do Conjunto após o evento.
- 16) Profissionais aderem cada vez mais à *sustentabilidade* na hora de fazer seus projetos

Numa análise dos textos do ponto de vista dos gêneros textuais-discursivos, percebe-se que os gêneros utilizados quando o tema da sustentabilidade estava presente eram *notícia* (38), *reportagem* (33), *nota* (13), *propaganda* (15) e *artigo-verbete* (1).

É fundamental frisar que o objetivo não era delinear gêneros, por isso tomou-se o conceito de gênero de Fairclough (1992), para quem gênero é “um conjunto relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, comprar produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico”(p. 126).

Quanto ao ponto de vista classificacional, trabalhou-se a partir de uma perspectiva de profundidade temática, uma vez que a reportagem é um gênero que se caracteriza pela prioridade informativa em sua constituição, cujo propósito básico é prover o leitor de uma descrição objetiva e, às vezes, de uma interpretação dos fatos, como demonstra Martins (2004). E, partindo de uma escala, a notícia deveria prover o leitor de informação, apenas com a prioridade informativa, sendo, por isso, menor que a reportagem. A nota, por sua vez, é um texto bem mais curto que os anteriores, noticiando algo de forma mais particular.

O gênero propaganda foi tomado em seu sentido comum, isto é, um texto cujo objetivo é a propagação de algo (eventos e acontecimentos importantes, publicação de livros, lançamentos de CDs etc.), em que se destacam os caracteres publicitário, conativo e/ou persuasivo.

Por fim, o que foi denominado *artigo-verbete* partiu do conceito de artigo como sendo um gênero em que o autor – jornalista ou colaborador do jornal – assina o texto de caráter argumentativo e expõe seu ponto de vista, como destaca Cunha (2002), mas com o diferencial do verbete, porque tinha caráter metalinguístico, ao ter como motivação conceituar sustentabilidade, e uma linguagem bastante informal, coloquial e dialogal, como se verifica no trecho a seguir:

17) *Sustentabilidade*– você sabe o que isso significa? O prefixo vem de sustentar: conservar, manter, alimentar física ou moralmente, de conseguir dar sustento a alguma coisa ou alguém. É o que parece para a maioria das pessoas. Mas, na verdade, essa palavrinha tão em moda, que vive na boca de empresários, políticos e ativistas ambientais, ainda carece de mais explicação. A *sustentabilidade* do planeta Terra.

Pelos gêneros, percebe-se que o tema não estava sendo abordado com a profundidade que, tanto do ponto de vista teórico quanto sociopolítico, deveria, uma vez que seu impacto recai sobre diversos campos da sociedade, associando-se central ou marginalmente. Ou seja, à exceção do gênero artigo-verbete, pela preocupação conceitual e informalidade que poderia facilitar a compreensão do sentido do termo, partia-se do ponto de vista de que o tema era de conhecimento amplo e notório, pois notícias, reportagens e notas não são gêneros para adensamento de discussão.

O valor positivo do item *sustentabilidade* encontra eco especialmente no gênero propaganda, por ser um tema apelativo a uma sociedade com inúmeros problemas que tendem a se agravar, sendo que um desenvolvimento sustentável parece ser a melhor solução; logo, associações várias tendem a ser promovidas.

O uso de apenas um artigo com preocupação conceitual e assinado pode:(1) demonstrar essa análise e a existência de um pretense conhecimento do assunto; e (2) apontar para uma estratégia de esquiva de qualquer veículo quanto à responsabilidade por um conceito e também pelas várias relações conflitivas que podem ser desenvolvidas ao seu redor.

Dessa maneira, percebe-se um engendramento discursivo que se mostra harmonioso nos textos e que se delineia a partir dos padrões linguísticos da palavra *sustentabilidade*, instanciados nos textos e que poderiam ser ampliados pela noção de gêneros como uma forma de ação social ou mesmo pelo adensamento da discussão a seu respeito.

É relevante verificar que tudo o que foi dito encontra suporte numa conjuntura de globalização em que os diversos países tornam-se partícipes da construção de um mundo melhor e, por isso e para isso, sustentável. Como definem Chouliaraki e Fairclough (1999), conjunturas são “conjuntos relativamente estáveis de pessoas, materiais, tecnologias e práticas – em seu aspecto de permanência relativa – em torno de projetos específicos” (p. 22). Sustentabilidade pode ser vista aqui como esse projeto específico de produção de um mundo sustentável, pois as barreiras temporais e espaciais não mais existem por causa da globalização que se expande por todos os campos da sociedade global em que se vive, cujos

impactos ambiental e econômico não dizem mais respeito ao universo das particularidades, pois se construiu um grande ecossistema social.

E aqui fica em evidência uma possibilidade de análise do contexto social, em termos sistêmico-funcionais, dividido no seu *contexto de situação* e no *contexto de cultura*, partindo da *ecologia linguística* do item *sustentabilidade*, ampliada para o texto visto como forma de ação social; por isso um gênero textual-discursivo, como apontando para uma cultura em transformação numa dimensão superior local e temporalmente, ao ligar-se a uma visão global dos problemas a serem enfrentados futuramente. E fica destacado, sobretudo, o papel de cada país do ponto de vista econômico, chamando-se atenção aqui para o Brasil por ter uma economia em expansão e para um desenvolvimento sustentável, talvez como a solução para o problema da sustentabilidade no contexto global.

A Análise Crítica do Discurso demonstrou sua produtividade quando o contexto social pôde ser teorizado e avaliado partindo das *relações lexicais* do item *sustentabilidade* como demonstrativo de um complexo sistema semiótico mediado por *ecossistemas sociais*, que foram abalados em função da dimensão globalizada que envolve o tema; logo, transformando os problemas relacionados à sustentabilidade num problema global.

Esta ideia da ligação entre *ecologia linguística* e *ecossistema social* é apontada em termos da coesão que o item dá em termos colocacionais ao unir diferentes temas, seja central, seja marginalmente, trazendo coerência a um sistema complexo de relações temáticas através do tempo e do espaço numa conexão com o processo de globalização.

Nesse sentido, reescreve-se a história a partir de (e já apontando para outras) mudanças em que os textos foram mediadores em diferentes formas de controle social, especialmente nas esferas econômica e ambiental. Há, pelos gêneros utilizados, uma forma mais padrão de textualidade sendo utilizada para propagação do tema, mas não formas profundas. No entanto, o *artigo-verbete* aponta para formas emergentes de textualidade que podem ser vistas como novas ordens de formação de significados nas experiências da sociedade contemporânea, pois alia um gênero já consolidado, como o *artigo*, ao gênero *verbete*, mas produzido com linguagem despojada, coloquial e dialogal, com objetivos tanto metalinguísticos quanto pedagógicos, mas superando os modos mais comumente usados pela educação formal para a qual o verbete de dicionários e enciclopédias normalmente são produzidos. E isso corrobora para que diferentes pessoas tomem contato com um conceito e um problema consideravelmente novo que impacta de forma geral na vida de todos.

Por outro lado e por fim, de forma geral, este tipo de análise também pode dar acesso, mesmo que de forma limitada, à produção de significados através da mediação dos signos ou símbolos, em diversos níveis de organização, em diferentes escalas de tempo e suas possíveis transformações pela circulação dos artefatos dentro do processo de instanciação do texto, no momento em que une Linguística de *Corpus*, para análise da *ecologia linguística* das palavras culturalmente relevantes; Linguística Sistêmico-Funcional, para permitir a teorização desses processos de instanciação das palavras no texto e também do contexto social (*contexto de situação* e *contexto de cultura*); e a Análise Crítica do Discurso, por prover importantes ferramentas para expansão, análise e aferição do papel da linguagem na sociedade, aqui demonstrado com especial destaque quando da avaliação do *ecossistema social* que envolve o tema da sustentabilidade numa dimensão global.

## 5. Considerações finais

Como se pôde perceber durante o percurso analítico, aliar os recursos quantitativos da Linguística de *Corpus* numa análise qualitativa em muito auxilia o analista a verificar hipóteses, antever temas a serem abordados ou como auxílio na triagem dos dados.

A *ecologia linguística* da palavra *sustentabilidade* no *corpus* aponta de forma contundente para os problemas relacionados a uma economia em expansão, no caso do Brasil, ou de manutenção de uma economia no mundo, a partir de um desenvolvimento sustentável, mas ligado à reserva e preservação dos recursos naturais para subsistência de tudo e de todos, por isso sua ligação com o meio ambiente. Esse é o ponto que conecta tematicamente os discursos tanto centrais, como os dois citados, quanto os marginais, como turismo, arquitetura, eventos e arte, dentre outros, que possuem relação com a *sustentabilidade*.

Economia, informação, administração, urbanismo e turismo, dentre diversos campos, se encontram com o tema sustentabilidade quando se trata de promover um mundo habitável e saudável, mas nunca se esquecendo da questão econômica e de seu crescimento que está ligado às relações internacionais de poder; logo, às várias tensões que ganham voz por meio dos discursos engendrados na sociedade e propagados transnacionalmente, sobretudo pela *internet*, em época de globalização. Isso aponta para um ecossistema social que só pode ser compreendido quando as barreiras de temporalidade e espacialidade são derrubadas, pois o

tema da *sustentabilidade* ecoa para além de qualquer forma de territorialização, tendo impacto em inúmeras esferas da vida humana.

A *ecologia linguística* do item *sustentabilidade* mostrou-se, então, produtiva para se alçar, qualitativamente sob a égide da Análise Crítica do Discurso sobre o ecossistema social transnacional que permeia o tema da sustentabilidade, um discurso de raízes profundas em diferentes campos da vida social, impactando diretamente desde uma perspectiva micro à macro de múltiplas iniciativas em torno de um problema global.

Sendo assim, conforme proposto, a partir da *ecologia linguística* do item *sustentabilidade*, procurou-se chegar ao ecossistema social como mediador de um modelo complexo de sistema semiótico que produz sua coerência, derrubando tempo e espaço por meio da globalização e das novas tecnologias de informação.

Ele também delinea uma história de mudanças especialmente porque os textos passaram a mediar formas de controle social numa escala muito superior devido à emergência de um tipo de textualidade que exhibe novas ordens de formação de significados nas experiências da sociedade contemporânea. Está-se diante de outra ordem de produção de significados através da mediação dos signos ou símbolos, um nível de organização superior àqueles indicados pelas territorialidades, ou seja, em diferentes escalas de tempo e espaço, mas ainda em transformação pela circulação dos textos vistos como artefatos semiótico-materiais e culturais na organização do grande ecossistema social em que o mundo se tornou.

## Referências

BECK, U. **Risk Society**. Beverly Hills: Sage, 1992.

BERBERSARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BIBER, D. *et al.* **Corpus Linguistics**: investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CAMINHA, D. O. Políticas culturais e transformação social: um estudo crítico do discurso do Ministério da Cultura do Brasil no início do século XXI. In: ANPAD, 37.,2013,Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro, 2013. p. 1-16.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, F. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUNHA, D. A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 166-179.

DIAS, R. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

DIAS, R. **Marketing ambiental: ética, responsabilidade social e competitividade nos negócios**. São Paulo: Atlas, 2011.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London and New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Language and globalization**. London: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. 2<sup>nd</sup>ed. Longman: Pearson Education, [1995] 2010.

FIRTH, J. R. **Papers on linguistics, 1934-1945**. Oxford: Oxford University Press, 1957.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOWLER, R. *et al.* **Language and control**. London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. Australia: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *Corpus studies and probabilistic grammar*. In: AIJMER, K.; ALTENBERG, B. (Org.). **English corpus linguistics: Studies in honour of Jan Svartvik**. London: Longman, 1991. p. 30-43

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2014.

HENRIQUES, M. S.; SANT'ANA, L. F. Ideias-força evidenciadas no discurso organizacional sobre sustentabilidade. **Organicom**, São Paulo: USP, v. 10, p. 71-82, 2013.

HOEY, M. (Ed.). **Data, description, discourse** – papers on the English language in honour of John McH Sinclair on his sixtieth birthday. London: Harper Collins, 1993.

HOEY, M. From concordance to text structure: new uses for computer *corpora*. In: LEWANDOSWKA-TOMASZCZYK, B.; MELIA, P. J. (Org.). **PALC'97** – Practical Applications in Language Corpora. Lodz: Lodz University Press, 1997. p. 2-22.

HUNSTON, S.; FRANCIS, G. **Pattern grammar**: a *corpus*-driven approach to the lexical grammar of English. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Revista Educação e Pesquisa FE-USP**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 302-313, maio/ago. 2005.

KENNEDY, G. **An introduction to corpus linguistics**. New York: Longman, 1998.

LEECH, G. *Corpora* and theories of linguistic performance. In: SVARTVIK, J. (Org.). **Directions in Corpus Linguistics**: proceedings of Nobel Symposium 82. Berlin, New York: De Gruyter, 1992. p. 105-127.

LEMKE, J. L. Intertextuality and Text Semantics. In: FRIES, P. H.; GREGORY, Michael (Ed.). **Discourse in Society**: Systemic Functional Perspectives – Meaning and Choice in Language: Studies for Michael Halliday, NJ: Ablex Publishing Corp., 1995a. p. 85-114.

LEMKE, J. L. **Textual politics**: discourse and social dynamics. London: Taylor & Frances, 1995b.

LEMKE, J. L. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. **Functions of Language**, v. 5, n. 1, p. 33-56, 1998.

LEMKE, J. L. Texts and discourses in the technologies of social organization. In: WEISS, G; WODAK, R. **Critical discourse analysis**: theory and interdisciplinary. New York: Palgrave Macmillan Ltd., 2003. p. 130-149.

MARTIN, J. R. **English Text: system and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTINS, A. R. N. **A polêmica construída**: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros. 2004. 201 f.(Doutorado em Linguística)-Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K; LAM, M. **Key terms in systemic functional linguistics**. London and New York: Continuum, 2010.

NATTRASS, B.; ALTOMARE, M. **The natural step for business** – wealth, ecology and evolutionary corporation. Gabriola Island: New Society Publishers, 1999.

RAFAEL, R. R. **Marketing verde**– uma análise multimodal da construção do discurso da *sustentabilidade* em campanhas publicitárias empresariais. 2013. 155 f.(Mestrado em Linguística)-Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SCOTT, M. R. PC analysis of key words – and key words. **System**, Great Britain, v. 25, n. 2, p. 233-245, 1997.

SCOTT, M. R. Comparing *corpora* and identifying key words, collocations, frequency distributions through the WordSmith Tools suite of computer programs. In: GHADESSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. **Small corpus studies and ELT: theory and practice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 47-67.

SCOTT, M. R. **Wordsmith Tools v. 5**. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, [2005] 2010.

SINCLAIR, J. M. Preface. In: GHADESSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. **Small corpus studies and ELT: theory and practice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. VII-XV.

SOARES, N. M. M.; VIEIRA, J. A. Representação multimodal dos atores sociais no discurso de marcas. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 16, p. 233-258, 2013.

STUBBS, M. **Words and phrases: corpus studies of lexical semantics**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2002.

WILLIAMS, R. **Keywords: a vocabulary of culture and society**. London: Fontana, 1976.

Artigo recebido em: 15.10.2014

Artigo aprovado em: 09.12.2014